

Dados e reflexões sobre o mercado de emprego da Madeira (2005-2013)

Ricardo Fabrício Rodrigues

rf@uma.pt

Universidade da Madeira e SOCIUS/ISEG – Universidade de Lisboa

Resumo

O mercado de emprego da Madeira decorre num espaço peculiar, no qual o impacto do emprego público na formação do emprego total é um fenómeno assinalável. Trata-se de um mercado que reúne na sua condição insular, paradoxalmente, as suas maiores vantagens e desvantagens e que ao longo dos últimos anos (2005-2013) não esteve imune a um conjunto significativo de transformações. Cada vez mais distante dos tempos do presumível pleno emprego da viragem do século, o mercado de emprego da Madeira registou nos últimos anos uma série de aumentos sucessivos na população desempregada. Atualmente, a Madeira apresenta uma taxa de desemprego formada por dois dígitos, que a coloca entre as regiões com as piores taxas de desemprego do país e da Europa, com a particularidade das taxas de desemprego registadas englobarem taxas de desemprego jovem muito elevadas, que se cifram em valores que estão perto do dobro da média comunitária. Este artigo reconstitui o trajeto do emprego e do desemprego na Madeira e assinala algumas das reconfigurações ocorridas. Através da coleta, organização e leitura de um conjunto de dados estatísticos oficiais, fica assim documentado um fenómeno com grandes repercussões sociais (como é o desemprego), numa região insular da denominada ultraperiferia europeia.

Palavras chave: Emprego, Madeira, região, mercado, ultraperiferia.

1 – Introdução

O mercado de emprego da Madeira (RAM¹) corresponde a um espaço geográfico insular, pequeno e regional, situado num dos territórios das denominadas Regiões Ultraperiféricas da União Europeia (UE)². Trata-se de um mercado de emprego que tem contado com uma população ativa média na ordem dos 134.000 indivíduos ao longo dos últimos nove anos (2005-2013) e que apresenta tradicionalmente alguns constrangimentos, maioritariamente, decorrentes da sua descontinuidade territorial, face ao mercado nacional e europeu de emprego, bem expressa nos 900 quilómetros de Oceano Atlântico que separam o Funchal de Lisboa ou nos 2.600 quilómetros que distam a Madeira do centro de decisão da UE (Bruxelas).

Apesar dos constrangimentos e das dificuldades conjunturais contemporâneas, ainda assim, não é escamoteável a existência de um período de ouro no mercado de emprego da Madeira, num

¹ A Região Autónoma da Madeira engloba as ilhas habitadas da Madeira e do Porto Santo. Neste artigo, qualquer referência à Madeira é equivalente de RAM.

² Informações mais detalhadas sobre as Regiões Ultraperiféricas da UE pode ser obtida em <http://www.cp-omr.eu/pt/>

passado recente, durante o qual a mediatização e o impacto social do desemprego foi diferente dos moldes agora vigentes.

Mesmo sem garantia absoluta de qualidade na informação estatística (referente ao emprego), por altura da viragem do século, nesse tempo, a construção das inúmeras rodovias, das infraestruturas aeroportuárias, do imobiliário residencial ou dos novos hotéis possibilitaram empregos e o desemprego não tinha o protagonismo mediático, nem o significado e o impacto social, que tem atualmente. Alguns dados oficiais referem o registo de 4.000 desempregados inscritos na autoridade regional de emprego³ em janeiro de 2002, facto que à data ajudava à formação de uma opinião pública contemplativa, perante um mercado de emprego que dava indícios de estar próximo do pleno emprego ou de níveis imputáveis a um desemprego residual inevitável.

Contudo, com a diminuição progressiva do surto de obras, sobretudo a partir dos primeiros anos do Século XXI, o mercado de emprego da Madeira iniciou um processo de degradação progressiva, que pode ser depreendido na evolução crescente e gradual do desemprego registado. No ano de 2005 contabilizaram-se mais de 7.000 desempregados na RAM, um valor que traduzia um crescimento superior a 50% face ao valor de 2002. Em menos de uma década -no final de 2013- os valores de 2005 foram ultrapassados e mais do que triplicaram. Se a idade de ouro do mercado de emprego da Madeira manifestou-se e perdurou até à chegada do Novo Milénio, então, diremos que a partir dos primeiros anos do Séc. XXI teve início um processo de deterioração, que adquiriu proporções nunca antes vistas a partir de 2011 e a que não são alheias, com diferentes magnitudes e significados, a crise financeira de 2008, a intervenção externa no país ou, mais recentemente, o Programa de Ajustamento Económico da RAM⁴ celebrado em 27 de janeiro de 2012.

Efetivamente, as transformações no mercado de emprego da Madeira são inquestionáveis, mas não constituem um tema com implicações apenas conjugáveis com o aumento do desemprego e a

³ A nossa opção em termos de dados fez-nos considerar os dados referentes ao desemprego registado pelo IEM. Esta opção ficou a dever-se à maior razoabilidade que atribuímos aos mesmos, visto que nos deparámos com outros dados, que expressavam uma dimensão menor do mesmo fenómeno (número de desempregados) no mesmo período.

⁴ Disponível em

http://srpf.govmadeira.pt/media/Conteudos/Plano_Ajustamento_Economico_Financeiro/programa_ajustamento_economico_financeiro_RAM.pdf

diminuição do emprego. As reconfigurações são mais profundas. Os dados recolhidos mostram-nos um mercado de emprego em reconfiguração, cujas evidências são descortináveis no comportamento e na evolução das diferentes dimensões em que se edificam a população ativa, a população desempregada e a população empregada. Deste modo, estas dimensões integram o cerne argumentativo deste trabalho, que visa contribuir para a documentação e a compreensão do mercado de emprego contemporâneo da Madeira.

2 – Do emprego em geral à sua transformação na Madeira (2005-2013)

Num contexto de relações de produção e consumo globalizadas (Atzeni, 2013), povoado por fenómenos de estratificação e de segmentação do trabalho (Kalleberg, 2009), que fazem parte das metamorfoses em que estão envolvidas as relações de emprego (Kovács, 2002), os denominados *new employment arrangements*⁵ (Carré, Ferber, Golden & Hersenberg, 2000) ou *non-standard employment*⁶ (Koch & Fritz, 2013) adquirem cada vez mais significado e preenchem parcelas significativas das relações de emprego.

Assim, a questão teórica que alimenta quem investiga um mercado de emprego com as particularidades do mercado de emprego da Madeira (2005-2013), pode remeter para um esforço de verificação (ou não) dos fenómenos frequentemente imputáveis aos mercados de emprego contemporâneos, nomeadamente, no que concerne à expressão e ao vigor dos *NEA* ou *NSE*. No caso particular do mercado de emprego da Madeira, atendendo à sua dimensão e à sua condição regional, insular e ultraperiférica, a dúvida primordial leva-nos a ter que indagar se as relações de emprego locais estão a admitir novos formatos e relações de emprego, mais instáveis, que permitam a alusão a conceitos ou ideias concretas, tais como, fragilidade, temporalidade contratual, vulnerabilidade ou precaridade dos laços laborais (Barbier, 2013). Em termos gerais, é a procura de sinais de *destandardization* (Beck, 2001) ou de *restandardization* (Koch & Fritz, 2013) no emprego na Madeira que nos move, sendo certo que esses fenómenos não são detetáveis pela mera constatação da evolução da taxa de desemprego, que sendo um indicador significativo, não é de forma alguma suficiente para avaliar o fulgor dos *NEA* ou dos *NSE*, num

⁵ Também designado por NEA.

⁶ Também designado por NSE.

mercado de emprego concreto e com as características particulares do mercado de emprego da Madeira.

Portanto, o teste à hipótese de transformação do emprego na Madeira (2005-2013) levou-nos a coligir dados e a interpretá-los, tendo em vista identificar os contornos da transformação do emprego e, por essa via, a ensaiar uma reflexão sobre a convergência (ou a divergência) da realidade local, regional, insular da Madeira, face às tendências globais mencionadas em inúmera literatura sobre o emprego.

3 – Dados sobre a transformação do emprego na Madeira (2005-2013)

A transformação do emprego que ocorreu na Madeira está depositada (em grande parte) na evolução da população ativa⁷ e nos dois subconjuntos que lhe dão corpo, ou seja, na população desempregada⁸ e na população empregada⁹. Através do tratamento combinado destas populações é possível discernir diferentes níveis de análise, adstritos e inevitáveis para um esforço de compreensão de uma determinada dinâmica de emprego.

Assim, com base no comportamento destas três populações, torna-se possível identificar e demonstrar os principais contornos que envolvem a dinâmica que se desenrolou, mas também as principais transformações que se fizeram sentir entre as populações desempregadas e empregadas. Porém, esta proposta não reclama qualquer estatuto no que concerne à exaustividade da análise, nomeadamente, na identificação das transformações ocorridas, embora se esforce por se precaver da simplicidade que pode resultar de uma mera observação da evolução da taxa de desemprego (Gráfico 1)¹⁰, sobretudo, se utilizada como instrumento isolado para escrutinar as tendências do (des)emprego. Existem outros dados e diversos parâmetros de análise disponíveis, que em nosso entender permitem uma reflexão mais extensa e holística, do que a mera observação e análise da taxa de desemprego, que em 2013 colocava a Madeira

⁷ Conjunto de indivíduos com idade mínima de 15 anos que, no período de referência, constituíam a mão-de-obra disponível para a produção de bens e serviços que entram no circuito económico (empregados e desempregados).

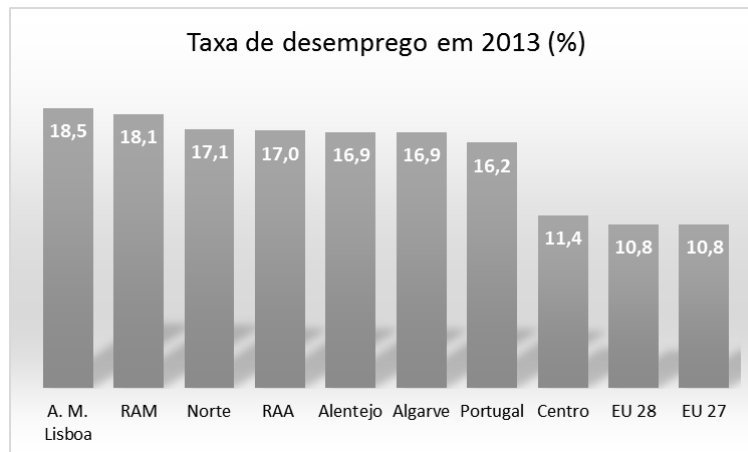
⁸ Compreende todos os indivíduos que, na semana de referência, não tinham qualquer trabalho, estavam disponíveis para trabalhar e fizeram diligências ativas nos últimos 30 dias para encontrar um emprego remunerado ou não.

⁹ Constituída pelo conjunto dos indivíduos com idade mínima de 15 anos que, no período de referência, se encontravam numa das seguintes situações: a) tinham efetuado trabalho de pelo menos uma hora, mediante pagamento de uma remuneração ou com vista a um benefício ou ganho familiar em dinheiro ou em géneros; b) tinham um emprego, não estavam ao serviço, mas tinham uma ligação formal com o seu emprego; c) tinham uma empresa, mas não estavam temporariamente ao trabalho por uma razão específica; d) estavam em situação de pré-reforma, mas encontravam-se a trabalhar no período de referência.

¹⁰ [(População desempregada/população ativa)*100].

(RAM) entre as regiões portuguesas mais afetadas pelo desemprego, sendo apenas ultrapassada em 0,4% pela taxa registada para a Área Metropolitana de Lisboa.

Gráfico 1



3.1 – A transformação da população ativa

A análise de quatro grandes dimensões da população ativa (dimensão total, género, grupo etário e escolaridade) revela algumas das transformações ocorridas, estando uma das primeiras evidências relacionada com o aumento da dimensão total desta população no período 2005-2013 (+4,2% | +5.354 ativos), progressão esta que acaba por contrastar com o comportamento observado na população ativa portuguesa (-2,8% | -155.500 ativos). Em sentido inverso, ao todo nacional, a Madeira ganhou população ativa (Quadro 1).

Todavia, o aumento da população ativa da Madeira não tem sido devidamente compreendido e explicado, embora a sua indexação às necessidades crescentes de mão-de-obra por alturas da viragem de século (XX/XXI), na sequência das inúmeras obras públicas (aeroporto, rede viária, etc.) e obras privadas (imóveis para habitação, hotéis, etc.) seja uma proposta habitual. Só que o crescimento da população ativa engloba variações significativas no seu interior, nomeadamente, em termos de género, que em nosso entender, são muito mais adequadas para a compreender e explicar o aumento observado na população ativa da Madeira.

No decorrer deste período (2005-2013) ocorreu a diminuição da população ativa do género masculino (-1,4%), sendo esta compensada por um crescimento de dois dígitos na população ativa do género feminino (+10,85). As explicações baseadas nos eventuais fluxos migratórios, relacionadas com a importação de mão-de-obra para fazer frente ao volume de obras revelam-se limitadas, pois, não explicam os ganhos de população ativa feminina, que está longe de constituir um subconjunto de mão-de-obra referencial para o setor da construção civil.

A população ativa da RAM tem vindo a aumentar desde 1981, de acordo com os Censos (1981, 2001 e 2011). Nos últimos 30 anos cresceu 29,5%, mas este fenómeno não pode ser tratado, em nosso entendimento, sem a devida articulação com uma questão de género. Julgamos que os dados são elucidativos. Em 1981 contabilizaram-se 61.681 homens na população ativa da Madeira. Em 2011 este número tinha crescido 7,5%, ou seja, passou para 66.281. Contudo, em 1981 existiam 36.798 mulheres na população ativa, número que em 2011 era bem maior: 61.203 (+66,3%). Assim, de uma relação 62,6% Homens/37,4% Mulheres em 1981, a distribuição tornou-se mais paritária (em termos de género na população ativa) em 2011 (52,0% H/48,0% M).

O crescimento da população ativa observado entre 2005 e 2013 na Madeira ficou a dever-se ao aumento do número de mulheres nesta população, que em 2013 representavam 53,2% da população residente. Efetivamente, esta é uma evidência que se torna necessário considerar no âmbito da transformação observada do emprego na Madeira (2005-2013).

Apesar da ocorrência do aumento da população ativa, impulsionado por uma questão de género, registaram-se outras perdas e ganhos concretos, localizáveis na dinâmica dos diferentes grupos etários. Nos grupos etários “sub-35 anos” ocorreu uma perda de população ativa (-20,3% | -10.314). Os ganhos ocorreram somente nos grupos etários com “35 ou + anos”, sendo de destacar a este propósito a evolução do grupo etário com “65 ou + anos”, que cresceu (+40,5% | +1.677) no período 2005-2013. Na verdade, o fenómeno da erosão etária e geracional da população ativa portuguesa, reportado recentemente (Rodrigues, Sobral & Lopes, 2014), está presente à escala regional e é expectável que tenha repercussões na estruturação futura da população empregada e desempregada da Madeira.

O nível de escolaridade completo da população ativa oferece elementos adicionais para a compreensão desta população, que agrega as tendências da população empregada e

desempregada. Foi possível verificar que o crescimento da população ativa com escolaridade ao nível “Secundário e pós-secundário” (+58,7%) e “Superior” (+71,2%) fez-se acompanhar da diminuição do subconjunto “Até ao básico - 3º ciclo” (-14,2%). Perante estes elementos podemos considerar que o período 2005-2013 foi marcado pelo melhoramento da escolaridade da população ativa, no âmbito de um movimento de crescimento desta população, que embora impulsionada por uma questão de género, não escapou ao fenómeno de erosão etária e geracional.

Quadro 1

População ativa da RAM por género, grupo etário e nível de escolaridade completo												
População ativa		2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011*	2012*	2013*	Dif. 2013-2005	Var. % 2013-2005
Total RAM		127.421	128.858	130.870	133.147	135.410	137.585	136.426	134.688	132.774	5.354	4,2%
Total P+*		5.544.900	5.587.300	5.618.300	5.624.900	5.582.700	5.580.700	5.543.200	5.494.800	5.389.400	-155.500	-2,8%
Género	Masculino	68.464	69.400	69.313	70.437	70.103	71.215	69.812	68.846	67.474	-989	-1,4%
	Feminino	58.957	59.459	61.557	62.709	65.307	66.370	66.614	65.841	65.300	6.343	10,8%
	Feminino/Masculino	86,1%	85,7%	88,8%	89,0%	93,2%	93,2%	95,4%	95,6%	96,8%		
	Masculino P+	2.963.500	2.984.400	2.986.000	2.991.400	2.948.900	2.931.800	2.940.500	2.897.600	2.824.200	-139.300	-4,7%
	Feminino P+	2.581.300	2.602.900	2.632.200	2.633.400	2.633.900	2.648.900	2.602.600	2.597.200	2.565.100	-16.200	-0,6%
	Feminino/Masculino P+	87,1%	87,2%	88,2%	88,0%	89,3%	90,4%	88,5%	89,6%	90,8%		
Grupo etário	<25	15.260	15.332	14.403	13.764	12.065	11.206	11.766	10.965	10.605	-4.655	-30,5%
	25 - 34	35.658	36.170	36.517	35.944	36.518	35.603	34.868	32.806	29.998	-5.660	-15,9%
	35 - 44	34.892	34.895	36.475	36.692	36.474	37.966	38.769	38.307	37.479	2.587	7,4%
	45 - 64	37.468	37.821	38.773	41.657	44.317	46.279	46.165	46.474	48.872	11.405	30,4%
	65 +	4.145	4.641	4.704	5.090	6.036	6.530	4.859	6.136	5.821	1.677	40,5%
	<35	50.917	51.502	50.919	49.707	48.583	46.809	46.633	43.771	40.603	-10.314	-20,3%
	<45	85.809	86.397	87.395	86.399	85.057	84.776	85.402	82.078	78.081	-7.728	-9,0%
	>44	41.612	42.461	43.476	46.747	50.353	52.809	51.023	52.610	54.693	13.081	70,9%
	<25 P+	564.200	544.400	518.400	507.500	466.300	426.800	443.800	427.300	391.300	-172.900	-30,6%
	25 - 34 P+	1.484.900	1.483.100	1.475.900	1.464.400	1.444.500	1.422.500	1.389.900	1.320.100	1.248.500	-236.400	-15,9%
	35 - 44 P+	1.384.400	140.900	1.420.700	1.423.100	1.435.100	1.454.100	1.471.300	1.483.400	1.483.100	98.700	7,1%
	45 - 64 P+	1.788.000	1.821.400	1.869.500	1.903.700	1.917.000	1.960.700	1.955.700	1.973.900	1.999.700	211.700	11,8%
	65 + P+	323.300	329.400	333.800	326.100	319.700	316.600	282.600	290.100	266.700	-56.600	-17,5%
	<35 P+	2.049.100	2.027.500	1.994.300	1.971.900	1.910.800	1.849.300	1.833.700	1.747.400	1.639.800	-409.300	-20,0%
<45 P+	3.433.500	2.168.400	3.415.000	3.395.000	3.345.900	3.303.400	3.305.000	3.230.800	3.122.900	-310.600	-9,0%	
>44 P+	2.111.300	2.150.800	2.203.300	2.229.800	2.236.700	2.277.300	2.238.300	2.264.000	2.266.400	155.100	7,3%	
Nível de escolaridade completo	Até ao básico - 3º ciclo	97.642	98.206	96.801	95.989	96.291	97.244	91.688	87.752	83.808	-13.834	-14,2%
	Secundário e pós-secundário	16.137	16.845	18.191	20.446	21.128	21.712	24.272	25.218	25.607	9.469	58,7%
	Superior	13.642	13.807	15.878	16.712	17.991	18.628	20.465	21.719	23.360	9.718	71,2%

+ Valores do país arredondados às centenas.

* Valores médios = [(1T+2T+3T+4T)/4]

Fonte: INE/DRE, Estatísticas do Emprego e PORDATA.

Nota: Valores calibrados tendo por referência as estimativas independentes da população calculadas a partir dos resultados definitivos dos Censos 2011.

P+ = Portugal

Dados adaptados por Ricardo Fabrício Rodrigues (11/11/2014)

3.2 – A transformação da população desempregada

No que diz respeito à transformação da população desempregada foi possível identificar diferentes momentos no seu comportamento (Quadro 2). No primeiro momento, compreendido entre 2005 e 2010, a taxa de desemprego na RAM foi inferior às taxas calculadas para a UE, a Zona Euro (ZE) e o país. No segundo momento, entre 2011 e 2013, as transformações agudizaram-se e assistiu-se ao aumento significativo da taxa de desemprego, que passou a ser superior às taxas calculadas para a UE, a ZE e o país. Sem diferenciar momentos e considerando na íntegra o período 2005-2013, conclui-se que a taxa de desemprego quadruplicou na Madeira, tendo o número de desempregados crescido 214,7%, ou seja, dos 7.231 desempregados registados em dezembro de 2005 pelo IEM, decorridos oito anos, em dezembro de 2013, o número de desempregados era 22.758.

Quadro 2

Taxa de Desemprego	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
UE (28)	9,0	8,2	7,2	7,0	9,0	9,6	9,7	10,5	10,8
UE (27)	9,0	8,2	7,2	7,0	9,0	9,6	9,6	10,4	10,8
UE (15)	8,2	7,8	7,1	7,2	9,1	9,6	9,6	10,6	11,0
ZE (18)	9,1	8,4	7,5	7,6	9,6	10,1	10,2	11,4	11,9
ZE (17)	9,1	8,4	7,5	7,6	9,5	10,1	10,1	11,3	11,9
ZE (13)	9,0	8,4	7,5	7,6	9,5	10,0	10,1	11,3	11,9
Portugal*	8,5	8,6	8,9	8,5	10,6	12	12,9	15,8	16,4
Região Autónoma da Madeira (PT)	4,5	5,3	6,8	5,9	7,5	7,4	13,5	17,2	18,1

* Valores estimados entre 2005-2010

Fonte: EUROSTAT - Taxas de Desemprego e Estatísticas Regionais/Emprego Regional (Séries Anuais LFS) em 19/11/2014

Dados adaptados por Ricardo Fabrício Rodrigues (20/11/2014)

A transformação da população desempregada envolve várias dimensões, nomeadamente, a variação total do desemprego registado, as mutuações em termos de género, de grupos etários, de níveis de instrução desta população, mas também a situação dos indivíduos perante o emprego, a duração do desemprego e o setor de atividade donde são provenientes.

Tal como verificado com a evolução da população ativa, as questões de género voltam a ganhar significado quando se analisa a evolução da população desempregada, sendo particularmente evidente como o desemprego penalizou mais os homens (+288,7%) do que as mulheres (151,8%), ou seja, o aumento da população ativa baseada no aumento do peso das mulheres fez-

se acompanhar de um melhor desempenho (por parte deste género) ao nível da retenção do emprego, visto que as mulheres em dezembro de 2005 representavam 54% do desemprego registado, mas em dezembro de 2013 este indicador era de 43,2% (Quadro 3).

No que concerne à distribuição do desemprego registado por classes etárias, ainda que a condensação dos dados em duas classes limite as possibilidades de análise, observa-se a diminuição do peso da classe “<25 anos” (de +20,7% em dezembro de 2005 para +13,9% em dezembro de 2013), sem que possamos ignorar o impacto que a erosão etária e geracional teve na formação desta realidade.

No decorrer deste período (2005-2013), o desemprego entre os detentores de nível de instrução superior foi o que mais cresceu (385,3%), com o número de desempregados detentores de instrução ao nível do secundário (241,6%), 3º ciclo (222,0%) e 2º ciclo (226,9%) a crescer acima da percentagem do aumento global do desemprego (+214,7%). Porém, a análise da população empregada permitiu constatar como os empregos criados no período em referência, beneficiaram sobretudo os indivíduos com maiores níveis de instrução.

O desemprego relacionado com a procura de primeiro emprego (+284,3%|1.788) cresceu mais do que o desemprego relacionado com a procura de um novo emprego (+208,1%|13.799), mas a dimensão absoluta da segunda situação era muito maior do que a primeira (em dezembro 2013), enquanto a duração da situação de desemprego (curta duração vs. longa duração) denotava uma inversão, com o desemprego de longa duração a crescer (de 31,7% em dezembro de 2005) para 55,2% (em dezembro de 2013).

Em termos dos setores de atividade de proveniência do desemprego registado, os “Serviços” foram os que mais cresceram em termos absolutos (+8.296 desempregados), embora o peso destes na formação global do desemprego registado tenha diminuído de 70,1% em dezembro de 2005 para 63,5% em dezembro de 2013. Foi o desemprego oriundo do setor “Indústria, Energia, Água e Construção” o que mais cresceu (220,0% no período), tendo aumentado o seu peso na formação do desemprego registado. Em dezembro de 2005 valia 26,5% do desemprego, mas em dezembro de 2013 subiu para 33,4%, num período marcado pelo aumento da procura de emprego num contexto de diminuição da oferta de emprego.

Quadro 3

Desemprego registrado no IEM																				
Desemprego registrado	Dezembro 2005		Dezembro 2006		Dezembro 2007		Dezembro 2008		Dezembro 2009		Dezembro 2010		Dezembro 2011		Dezembro 2012		Dezembro 2013		Dif. 2013-2005	Var. % 2013-2005
Total	7.231		8.464		8.773		9.302		13.718		15.648		19.016		23.741		22.758		15.527	214,7%
H	3.325	46,0%	4.111	48,6%	4.505	51,4%	5.235	56,3%	7.979	58,2%	8.982	57,4%	10.703	56,3%	13.645	57,5%	12.923	56,8%	9.598	288,7%
M	3.906	54,0%	4.353	51,4%	4.268	48,6%	4.067	43,7%	5.739	41,8%	6.666	42,6%	8.313	43,7%	10.096	42,5%	9.835	43,2%	5.929	151,8%
M/H	1,2		1,1		0,9		0,8		0,7		0,7		0,8		0,7		0,8			
Grupos etários																				
<25 anos	1.497	20,7%	1.640	19,4%	1.584	18,1%	1.654	17,8%	2.309	16,8%	2.620	16,7%	3.170	16,7%	3.511	14,8%	3.165	13,9%	1.668	111,4%
>=25 anos	5.734	79,3%	6.824	80,6%	7.189	81,9%	7.648	82,2%	11.409	83,2%	13.028	83,3%	15.846	83,3%	20.230	85,2%	19.593	86,1%	13.859	241,7%
H<25 anos	571	7,9%	641	7,6%	665	7,6%	780	8,4%	1.141	8,3%	1.312	8,4%	1.517	8,0%	1.743	7,3%	1.586	7,0%	1.015	177,8%
H<=25 anos	2.754	38,1%	3.470	41,0%	3.840	43,8%	4.455	47,9%	6.838	49,8%	7.670	49,0%	9.186	48,3%	11.902	50,1%	11.337	49,8%	8.583	311,7%
M<25 anos	926	12,8%	999	11,8%	919	10,5%	874	9,4%	1.168	8,5%	1.308	8,4%	1.653	8,7%	1.768	7,4%	1.579	6,9%	653	70,5%
M<=25 anos	2.980	41,2%	3.354	39,6%	3.349	38,2%	3.193	34,3%	4.571	33,3%	5.358	34,2%	6.660	35,0%	8.328	35,1%	8.256	36,3%	5.276	177,0%
Nível de instrução																				
<1º Ciclo	462	6,4%	564	6,7%	557	6,3%	611	6,6%	890	6,5%	1.028	6,6%	1.182	6,2%	1.452	6,1%	1.378	6,1%	916	198,3%
1º ciclo	2.287	31,6%	2.712	32,0%	2.784	31,7%	3.017	32,4%	4.311	31,4%	4.747	30,3%	5.332	28,0%	6.385	26,9%	6.025	26,5%	3.738	163,4%
2º Ciclo	1.505	20,8%	1.787	21,1%	1.885	21,5%	1.918	20,6%	3.113	22,7%	3.476	22,2%	4.220	22,2%	5.211	21,9%	4.920	21,6%	3.415	226,9%
3º Ciclo	1.141	15,8%	1.323	15,6%	1.317	15,0%	1.382	14,9%	2.165	15,8%	2.369	15,1%	3.038	16,0%	3.836	16,2%	3.674	16,1%	2.533	222,0%
Secundário	1.375	19,0%	1.542	18,2%	1.603	18,3%	1.699	18,3%	2.420	17,6%	2.941	18,8%	3.767	19,8%	4.716	19,9%	4.697	20,6%	3.322	241,6%
Ensino Médio	45	0,6%	47	0,6%	50	0,6%	39	0,4%	70	0,5%	67	0,4%								
Ensino Superior	416	5,8%	489	5,8%	577	6,6%	636	6,8%	749	5,5%	1.020	6,5%	1.477	7,8%	2.141	9,0%	2.064	9,1%	1.603	385,3%
Situação perante o Emprego																				
Primeiro emprego	629	8,7%	674	8,0%	849	9,7%	778	8,4%	1.053	7,7%	1.455	9,3%	1.810	9,5%	2.392	10,1%	2.417	10,6%	1.788	284,3%
Novo Emprego	6.602	91,3%	7.790	92,0%	7.924	90,3%	8.524	91,6%	12.665	92,3%	14.193	90,7%	17.206	90,5%	21.349	89,9%	20.341	89,4%	13.739	208,1%
Duração do Desemprego																				
CD	4.936	68,3%	5.747	67,9%	5.856	66,8%	6.450	69,3%	9.091	66,3%	8.849	56,6%	10.365	54,5%	12.170	51,3%	10.190	44,8%	5.254	106,4%
LD	2.295	31,7%	2.717	32,1%	2.917	33,2%	2.825	30,4%	4.627	33,7%	6.799	43,4%	8.651	45,5%	11.571	48,7%	12.568	55,2%	10.273	447,6%
Desemprego por setor de atividade																				
Total	6.602	100,0%	7.790	100,0%	7.924	100,0%	8.524	100,0%	12.665	100,0%	14.193	100,0%	17.206	100,0%	21.349	100,0%	20.341	100,0%	13.739	176,4%
Agricultura, Pecuária, Caça, Silvicultura e Pesca	224	3,4%	249	3,2%	320	4,0%	337	4,0%	409	3,2%	501	3,5%	578	3,4%	604	2,8%	619	3,0%	395	158,6%
Indústria, Energia e Água e Construção	1.748	26,5%	2.295	29,5%	2.396	30,2%	2.895	34,0%	4.510	35,6%	4.901	34,5%	5.695	33,1%	7.352	34,4%	6.796	33,4%	5.048	220,0%
Serviços	4.630	70,1%	5.246	67,3%	5.208	65,7%	5.292	62,1%	7.746	61,2%	8.791	61,9%	10.933	63,5%	13.393	62,7%	12.926	63,5%	8.296	158,1%

Fonte: Boletim Mensal do IEM - Dezembro de 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012 e 2013
Dados adaptados por Ricardo Fabricio Rodrigues (13/11/2014)

Ainda no que concerne ao comportamento da população desempregada, a situação do desemprego jovem é complexa e digna de realce. Embora os dados não sejam exaustivos para o período em análise, foi possível verificar a existência de taxas elevadas a afetar esta população.

Quadro 4

Desemprego Jovem	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
UE (28)	18,8	17,5	15,6	15,7	20,0	21,1	21,5	23,0	23,5
UE (27)	18,7	17,4	15,6	15,7	20,0	21,0	21,4	22,9	23,3
UE (15)	16,8	16,1	15,0	15,6	19,7	20,4	20,7	22,4	22,9
ZE (18)	18,1	16,8	15,2	15,7	20,1	20,9	21,0	23,2	24,0
ZE (15)	18,1	16,8	15,3	15,7	20,0	20,8	20,9	23,2	24,0
ZE (13)	17,9	16,7	15,2	15,7	19,9	20,6	20,7	23,0	23,9
Portugal	16,2	16,5	16,7	16,7	20,3	22,8	30,3	37,9	38,1
Região Autónoma da Madeira (PT)	ND	ND	ND	ND	ND	ND	39,4	50,2	51,8

Fonte: EUROSTAT - Taxas de Desemprego Jovem e Estatísticas Regionais/Desemprego Regional (Séries Anuais LFS) em 19/11/2014
Dados adaptados por Ricardo Fabrício Rodrigues (20/11/2014)

Os registos de 2011 dão conta de uma taxa de desemprego jovem na RAM de 39,4%, que subiu em 2012, para em 2013 atingir valores que a colocaram acima do dobro dos valores homólogos da UE e da ZE (Quadro 4) e bem acima dos valores da referida taxa no país.

3.3 – A transformação da população empregada

Para atestar a transformação da população empregada, em primeiro lugar, procedemos à análise da sua própria variação no período (2005-2013). No caso da Madeira, a variação da população empregada foi negativa, tendo-se observado uma diminuição de 10,6%, ou seja, -12.876 indivíduos na população empregada (Quadro 5).

Em dezembro de 2005, a população empregada da Madeira cifrava-se em 121.681 indivíduos, mas em dezembro de 2013 era formada por 108.805 indivíduos, com a distribuição por género a revelar como o subconjunto formado pelos homens tinha diminuído mais do que o subconjunto formado pelas mulheres. Enquanto o primeiro regrediu 17,1%, o segundo diminuiu 3,0%. A grandeza da leitura que se estabelece através desta evidência, que é determinante para a estruturação da população empregada, acaba ainda por corroborar e permitir uma leitura mais integrada dos fenómenos identificados, sobretudo, se tivermos em consideração as tendências de género já observadas na evolução da população ativa e da população desempregada.

Quadro 5

População empregada da RAM por género, grupo etário e nível de escolaridade completo												
População Empregada		2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011*	2012*	2013*	Dif. 2013-2005	Var. % 2013-2005
Total RAM		121.681	121.984	122.008	125.225	125.268	127.455	117.945	111.488	108.805	-12.876	-10,6%
Total P+		5.122.600	5.159.500	5.169.700	5.197.800	5.054.100	4.978.200	4.837.000	4.634.700	4.513.500	-609.100	-11,9%
Género	Masculino	65.570	66.240	64.771	66.450	63.903	65.170	59.294	55.415	54.366	-11.204	-17,1%
	Feminino	56.111	55.743	57.238	58.775	61.364	62.285	58.652	56.074	54.439	-1.672	-3,0%
	Feminino/Masculino	85,6%	84,2%	88,4%	88,4%	96,0%	95,6%	98,9%	101,2%	100,1%		
	Masculino P+	2.765.400	2.789.700	2.789.300	2.797.100	2.687.600	2.644.500	2.574.500	2.443.600	2.369.900	-395.500	-14,3%
	Feminino P+	2.357.200	2.369.800	2.380.400	2.400.700	2.366.500	2.333.600	2.262.500	2.191.100	2.143.600	-213.600	-9,1%
	Feminino/Masculino P+	85,2%	84,9%	85,3%	85,8%	88,1%	88,2%	87,9%	89,7%	90,5%		
Grupo etário	<25	13.849	13.633	11.987	11.681	9.643	9.199	7.135	5.464	5.108	-8.741	-63,1%
	25 - 34	33.876	33.806	33.887	33.226	33.053	32.212	29.646	25.635	22.544	-11.332	-33,5%
	35 - 44	33.652	33.259	34.045	35.015	34.575	35.635	34.286	32.589	31.772	-1.880	-5,6%
	45 - 64	36.160	36.644	37.387	40.214	41.993	43.878	42.047	41.701	43.559	7.399	20,5%
	65 +	4.144	4.640	4.703	5.090	6.003	6.530	4.831	6.100	5.821	1.677	40,5%
	<35	47.725	47.439	45.874	44.907	42.696	41.411	36.781	31.098	27.652	-20.073	-42,1%
	<45	81.377	80.698	79.919	79.922	77.271	77.046	71.067	63.687	59.424	-21.953	-27,0%
	>44	40.304	41.284	42.090	45.304	47.996	50.408	46.878	47.801	49.381	9.077	22,5%
	<25 P+	473.600	455.900	432.500	424.100	372.800	331.400	310.300	266.300	243.700	-229.900	-48,5%
	25 - 34 P+	2.648.000	2.667.900	2.657.300	2.664.200	2.599.900	2.552.500	2.505.100	2.365.800	2.282.000	-366.000	-13,8%
	35 - 44 P+	1.080.400	1.106.400	1.120.000	1.145.600	1.129.400	1.151.800	1.125.500	1.114.100	1.113.800	33.400	3,1%
	45 - 64 P+	598.000	600.000	626.800	638.400	633.300	627.600	616.400	603.200	610.500	12.500	2,1%
	65 + P+	322.600	329.200	333.100	325.600	318.600	314.800	279.700	285.300	263.400	-59.200	-18,4%
	<35 P+	32.731	32.812	34.087	35.761	37.891	39.715	38.210	37.490	37.544	4.813	14,7%
<45 P+	95.999	96.472	96.295	99.504	98.859	101.267	94.749	89.434	88.839	-7.160	-7,5%	
>44 P+	2.729.377	2.748.598	2.737.219	2.744.122	2.677.171	2.629.546	2.576.167	2.429.487	2.341.424	-387.953	-14,2%	
Nível de escolaridade completo	Até ao básico - 3º ciclo	93.403	93.019	89.921	89.878	88.159	89.889	77.492	71.189	67.526	-25.877	-27,7%
	Secundário e pós-secundário	15.152	15.822	17.212	19.384	19.730	20.011	21.425	20.838	20.164	5.012	33,1%
	Superior	13.126	13.143	14.876	15.964	17.379	17.555	19.029	19.461	21.115	7.989	60,9%

+ Valores do país arredondados às centenas.

* Valores médios = [(1T+2T+3T+4T)/4]

Fonte: INE/DRE, Estatísticas do Emprego e PORDATA.

Nota: Valores calibrados tendo por referência as estimativas independentes da população calculadas a partir dos resultados definitivos dos Censos 2011.

P+ = Portugal

Dados adaptados por Ricardo Fabrício Rodrigues (12/11/2014)

Efetivamente, o aumento da população ativa, baseado no aumento do número de mulheres, fez-se acompanhar de um desemprego menos acentuado entre as mulheres e contribuiu para a existência de um número de mulheres empregadas maior do que o número de homens empregados em dezembro de 2013, como que reiterando a questão de género perante o emprego como uma das principais transformações ocorridas no emprego na Madeira entre 2005-2013.

As movimentações etárias ocorridas na população empregada representam outra das transformações identificadas, tendo-se assistido à diminuição da população empregada nos grupos etários “sub-45 anos”, sendo esta diminuição desdobrável na análise dos diferentes grupos etários que a compõem. O grupo etário “<25 anos” encolheu 63,1%, o grupo etário “25-34 anos” diminuiu 33,5%, enquanto o grupo etário “35-44 anos” regrediu 5,6%. O aumento de população empregada apenas ocorreu nos grupos etários “45 ou + anos” (+22,5%) e “65 ou + anos” (+40,5%).

Foi ainda possível verificar que, ao longo do período em apreço, aumentou a população empregada com escolaridade ao nível do secundário e pós-secundário (33,1%) e superior (60,9%), tendo este aumento sido acompanhado da diminuição da população empregada com escolaridade “Até ao Básico – 3º Ciclo” (-27,7%).

A diminuição de população empregada em termos de situação na profissão principal (Quadro 6), implicou a redução dos trabalhadores por conta de outrem (-12,5%), visto que a população empregada por conta própria manteve-se estável, embora o número de trabalhadores por conta própria como empregadores tenha diminuído (-27,5%). Este facto levou-nos a admitir a ocorrência de uma conversão neste subgrupo, com alguns trabalhadores por conta própria como empregadores a não conseguirem garantir os empregos de terceiros e a acabarem por transitar para a modalidade de trabalhador por conta própria como isolado (8,4%).

Quadro 6

População empregada da RAM por situação na profissão principal (CNP-94)								
População empregada		2005		2013		Var.2013-2005	Var. % 2013-2005	
		Total		Total				
Total		121.681	100,0%	108.805	100,0%	-12.876	-10,6%	
Masculino		65.570	53,9%	54.366	49,7%	-11.204	-17,1%	
Feminino		56.111	46,1%	54.439	50,3%	-1.672	-3,0%	
Situação na profissão	Trabalhador por conta de outrem	Total	101.662	83,5%	88.936	81,7%	-12.726	-12,5%
		Masculino	53.808	52,9%	41.996	47,3%	-11.812	-22,0%
		Feminino	47.854	47,1%	46.940	52,7%	-914	-1,9%
	Trabalhador por conta própria	Total	19.445	16,0%	19.452	17,7%	7	0,0%
		Masculino	11.576	59,5%	12.214	61,6%	638	5,5%
		Feminino	7.869	40,5%	7.238	38,4%	-631	-8,0%
	Trabalhador por conta própria como isolado	Total	14.900	76,6%	16.156	85,5%	1.256	8,4%
	Trabalhador por conta própria como empregador	Total	4.545	23,4%	3.296	14,5%	-1.249	-27,5%

Fonte: INE/DRE, Estatísticas do Emprego.

Nota: Valores calibrados tendo por referência as estimativas independentes da população calculadas a partir dos resultados definitivos dos Censos 2011.

Dados adaptados por Ricardo Fabrício Rodrigues (19/11/2014)

Quanto às transformações do emprego na Madeira convergentes com os *new employment arrangements* (NEA) ou *non-standard employment* (NSE), em nosso entender, são particularmente evidentes quando se procede à análise dos tempos de trabalho e à duração dos contratos (Quadro 7).

Quadro 7

População empregada por tempo de trabalho e por duração do contrato												
População empregada total		2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2013-2005	2013-2005
		121 681	121 984	122 008	125 225	125 268	127 455	117 945	111 488	108 805	-12 876	-10,6%
A tempo completo	Total	110.775	110 652	109 993	113 829	111 261	111 018	100 854	92 255	89 789	-20 986	-18,9%
	Masculino	63.565	63 449	61 060	62 371	58 776	58 365	52 138	46 949	45 377	-18 188	-28,6%
	Feminino	47.210	47 203	48 933	51 458	52 485	52 652	48 716	45 306	44 412	-2 798	-5,9%
A tempo parcial	Total	10.906	11 332	12 015	11 396	14 006	16 437	17 091	19 233	19 016	8 110	74,4%
Contrato de trabalho sem termo	Total	84.184	82 315	82 941	84 707	84 373	82 847	79 097	72 552	71 206	-12 978	-15,4%
	Masculino	44.393	43 247	42 182	43 093	40 311	38 637	37 328	33 303	32 878	-11 515	-25,9%
	Feminino	39.791	39 068	40 759	41 614	44 062	44 210	41 769	39 249	38 327	-1 464	-3,7%
Contrato de trabalho com termo	Total	14.675	14 364	100,0%	15 733	16 848	16 187	15 246	14 055	14 622	-53	-0,4%
	Masculino	7.267	6 969	48,5%	8 368	9 236	8 181	7 468	7 182	7 586	319	4,4%
	Feminino	7.408	7 395	51,5%	7 366	7 613	8 006	7 778	6 874	7 036	-372	-5,0%

Fonte: INE/DRE e Estatísticas do Emprego.

Nota: Valores calibrados tendo por referência as estimativas independentes da população calculadas a partir dos resultados definitivos dos Censos 2011.

Dados adaptados por Ricardo Fabrício Rodrigues (18/11/2014)

A diminuição do tempo de trabalho “a tempo completo” (-18,9%) fez-se acompanhar do aumento do tempo de trabalho “a tempo parcial” (+74,4%) e a diminuição dos “contratos de trabalho sem termo” (-15,4%) articula-se com a estabilidade dos “contratos de trabalho com termo” (-0,4%). Paralelamente, em termos da evolução do emprego por setores de atividade (Quadro 8), assistiu-se a um aumento da população empregada no setor primário (+17,3%), à redução da população empregada no setor secundário (-58,1%) e ao crescimento da população empregada no setor terciário (+4,7%).

Quadro 8

População empregada da RAM por setor de atividade principal			
CAE-Rev. 2.1 (2005-2007)	CAE-Rev. 3 (2008-2013)	Dif. 2013-2005	Var. % 2013-2005
		-12.876	-10,6%
A a B: Agricultura, silvicultura e pesca	A: Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	1.990	17,3%
C a F: Indústria, construção, energia e água	B a F: Indústria, construção, energia e água	-18.560	-58,1%
C: Indústrias transformadoras	C: Indústrias transformadoras	-4.368	-51,9%
F: Construção	F: Construção	-15.183	-69,9%
Outros não especificados	Outros não especificados	991	55,2%
G a Q: serviços	G a U: serviços	3.694	4,7%
G: Comércio por grosso e a retalho	G: Comércio por grosso e a retalho	-3.775	-23,1%
H: Alojamento e restauração	I: Alojamento, restauração e similares	1.449	11,4%
I: Transportes, armazenagem e comunicações	H: Transportes e armazenagem	-1.257	-24,2%
L: Administração Pública, defesa e Seg. Social obrigatória	O: Administração Pública, defesa e Seg. Social obrigatória	-806	-6,3%
M: Educação	P: Educação	3.575	37,4%
N: Saúde e ação social	Q: Atividades da saúde humana e apoio social	246	2,9%
O: Outras atividades de serviços coletivos, sociais e pessoais	N: Atividades Administrativas e dos serviços de apoio	-551	-11,2%
Outros	S a U: Outros serviços	-1.712	-20,7%
	Outros não especificados	6.525	NA

+ Valores do país arredondados às centenas.

Nota: Valores calibrados tendo por referência as estimativas independentes da população calculadas a partir dos resultados definitivos dos Censos 2011.

Dados adaptados por Ricardo Fabrício Rodrigues (18/11/2014)

Refira-se ainda que o período 2005-2013 ficou marcado pelo aumento dos despedimentos coletivos e pela conflitualidade laboral, bem como pela redução da regulamentação coletiva de trabalho (Quadro 9).

Quadro 9

Outros indicadores	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Despedimentos coletivos	4	8	20	20	17	13	23	45	46
Trabalhadores com cessação de contrato por despedimento coletivo	30	54	169	180	255	95	363	564	451
Greves	0	1	0	3	4	0	13	9	6
Nº Trabalhadores em greve	0	6	0	34	36	0	466	256	112
Nº dias de trabalho perdidos	0	105	0	91	340	0	684	679	204
Instrumentos de Regulamentação Coletiva de Trabalho	ND	ND	ND	27	28	30	26	33	12
trabalhadores abrangidos	ND	ND	ND	44352	44612	44787	40110	ND	16761

Indicadores Sócio-Laborais da DRT 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012 e 2013

Contratação Coletiva Regional - Relatórios de Evolução da DRT 2008, 2009, 2010, 2011, 2012 e 2013

Dados adaptados por Ricardo Fabrício Rodrigues (20/11/2014)

Fica por esclarecer, no entanto, qual o papel desempenhado neste mercado pelo denominado emprego público, que tinha um peso considerável e traduzia a condição de 24,9% da população empregada na RAM no final de 2013 (Quadro 10).

Quadro 10

Emprego no sector das administrações públicas, empresas públicas, demais entidades públicas e municípios (RAM)		
Emprego no setor das administrações públicas por secretarias regionais RAM	31-dez-2012	31-dez-2013 (p)
Total (1)	17.261	16.834
Emprego em empresas públicas e demais entidades públicas detidas pela RAM	31-dez-2012	31-dez-2013 (p)
Total (2)	7.359	7.257
Emprego nos municípios da RAM	2012	2013
Total (3)	3.071	3.092
TOTAL (1+2+3)	27.691	27.183

Fontes: DGAEP - SIOE (dados disponíveis em 01-02-2014); DGAEP/DEEP; e Balanço Social - SIIAL (Sistema Integrado de Informação das Autarquias Locais), acedido em 19/11/2014 em <http://www.portalautarquico.pt/pt-PT/administracao-local/recursos-humanos/>

Notas: (a) Setor Empresarial inclui todas as unidades empresariais públicas reclassificadas no sector das administrações públicas em contas nacionais.

p - dados provisórios

Dados adaptados por Ricardo Fabrício Rodrigues (19/11/2014)

4 – Conclusão

O mercado de emprego da Madeira (2005-2013) sofreu várias transformações, descortináveis no comportamento e na evolução das diferentes dimensões que edificam a população ativa, a população desempregada e a população empregada.

Durante o período analisado, a população ativa aumentou e reforçou-se nos níveis mais avançados de escolaridade, mas passou a integrar um fenómeno de erosão etária e geracional, que constitui motivo de preocupação, dadas as suas potenciais repercussões. O número de desempregados aumentou, bem como o desemprego entre os jovens, com o aumento do desemprego a manter afinidades com os níveis de escolaridade. A procura do primeiro emprego cresceu mais do que a procura de um novo emprego e o desemprego de longa duração acabou por crescer e torna-se maioritário. O setor “Indústria, Energia, Água e Construção” foi o que mais contribuiu para a formação global do desemprego, num período marcado pelo aumento da procura num contexto de diminuição da oferta de emprego. Assistiu-se à diminuição da população empregada, que se fez sentir particularmente no grupo etário “sub-45 anos”. A população empregada apenas aumentou nos grupos etários com “45 ou + anos”. O aumento do emprego foi proporcional ao nível de escolaridade. As transformações operadas no emprego

implicaram a redução do número de “trabalhadores por conta de outrem” e de “trabalhadores por conta própria como empregadores”, mas também a diminuição do tempo de trabalho “a tempo completo”, o aumento do tempo de trabalho “a tempo parcial” e a diminuição dos “contratos de trabalho sem termo”.

Entre 2005 e 2013 viveu-se um período de redução do emprego no setor secundário e de crescimento no setor primário e terciário no mercado de emprego da Madeira, que foi palco do aumento dos despedimentos coletivos e da conflitualidade laboral, que se fizeram acompanhar da redução da regulamentação coletiva de trabalho. Mesmo assim, as transformações ocorridas em termos globais, aconteceram num mercado marcado pela dimensão e o impacto do emprego público, cujo “efeito amortecedor” importa assinalar.

Em suma, apesar da sua pequena dimensão, insularidade ou ultraperifericidade, o mercado de emprego da Madeira (2005-2013) não ficou imune às tendências exteriores, nomeadamente, em matéria de formatos de emprego mais instáveis, entendidos como expressões de maior fragilidade, temporalidade contratual, vulnerabilidade ou precaridade nos laços laborais.

Bibliografia

Atzeni, M. (Ed.) (2013), *Workers and labour in a globalized capitalism. Contemporary Themes and Theoretical Issues*, Basingstoke, Palgrave Macmillan.

Barbier, J-C. (2013), “A Conceptual Approach of the Destandardization of Employment in Europe since the 1970s” in Koch, M. & Fritz, M. (Ed.), *Non-Standard Employment in Europe: Paradigms, Prevalence and Policy Responses*, Basingstoke, Palgrave Macmillan.

Beck, U. (2001), *La société du risqué*, Paris, Champs Flammarion.

Carré, F., Ferber, M., Golden, L. & Herzenberg (Ed.) (2000), *Nonstandard Work: The Nature and Challenges of Emerging Employment Arrangements*, Champagne, IRRA.

Kalleberg, A. (2009), “Precarious Work, Insecure Workers: Employment Relations in Transition”, *American Sociological Review*, 74, 1-22.

Koch, M. & Fritz, M. (Ed.) (2013), *Non-Standard Employment in Europe: Paradigms, Prevalence and Policy Responses*, Basingstoke, Palgrave Macmillan.

Kovács, I. (2002), *As metamorfoses do emprego*, Oeiras, Celta.

Rodrigues, R. F., Sobral, F. & Lopes, S. (2014), “Indícios e Evidências da Transformação do Emprego em Portugal (2005-2013)” in *Atas do VIII Congresso Português de Sociologia*, Évora, APS (Brevemente).